

1º DOMINGO DE ADVENTO (2014)

(Abertura oficial do Ano da Vida Consagrada)

Iniciamos hoje o Advento, tempo de preparação próxima para o Natal de Jesus. Ele veio, na pobreza do presépio de Belém. Virá glorioso no final dos tempos. E está no meio de nós: uma presença “real”, mas “escondida”.

1. Por isso, é preciso estar “vigilantes”: ter os olhos da fé abertos, para O descobrir presente e atuante, aqui e agora. “Vigiai” – exorta Jesus no texto evangélico - porque não sabeis quando chegará o momento” da graça.

Na 2ª leitura, S. Paulo prorrompe em oração de louvor, precisamente, pela presença salvadora da graça de Cristo. N’Ele, Deus deu-nos tudo: com grande abundância e de graça.

«Somos todos, obra das vossas mãos» - explica o profeta Isaías na 1ª leitura, recorrendo à sugestiva imagem do oleiro: «Vós, Senhor, sois o nosso Pai e nós o barro, de que sois o oleiro».

O advento é, pois, o “momento favorável” da graça do Senhor. Procuremos estar “vigilantes” para O acolher, também nos nossos irmãos. A “vigilância” implica necessariamente a atenção, que temos de dar aos outros, tornando-nos “próximos” e “irmãos” de todos.

2. Iniciamos hoje, em comunhão com a Igreja Universal, o Ano da Vida Consagrada, promulgado pelo Papa Francisco, para comemorar os 50 anos do Concílio Vaticano II, nomeadamente do documento sobre a renovação da Vida Religiosa “*Perfectae Caritatis*”.

Conforme as orientações do Santo Padre, três são os objetivos fundamentais deste Ano da Vida Consagrada:

- «Fazer memória agradecida do passado;
- Abraçar o futuro com esperança;
- Viver o presente com paixão».

Para isso, é necessário ir às raízes da Vida Consagrada (VC) e procurar viver hoje o carisma das origens. Estamos perante uma mudança estrutural da sociedade. A VC, na fidelidade ao carisma das origens, tem de encontrar maneira de o “encarnar” e fazer frutificar, na sociedade de hoje.

“Fazer memória agradecida do passado” implica trazer para o presente os valores fundadores do passado, vivendo-os “com paixão” no presente e abraçando “o futuro com esperança”, por novos caminhos, como exorta o Papa Francisco, na Carta dirigida aos consagrados: «Espero de vós (consagrados) aquilo que peço a todos os membros da Igreja - sair de si para ir ao encontro das periferias existenciais»: «pessoas que perderam a esperança, famílias em dificuldades, crianças abandonadas, jovens a quem roubaram o futuro, doentes e idosos abandonados, ricos cheios de bens, mas de coração vazio, homens e mulheres à procura do sentido da vida, sedentos do divino ...

«Não vos fecheis em vós mesmos, não vos deixeis asfixiar pelas questiúnculas de casa, não sejais prisioneiros dos vossos problemas. Estes encontrarão solução, se sairdes para ajudar os outros a resolverem os seus problemas e para anunciar a Boa Nova... Consequentemente, sugiro a simplificação das estruturas, a reutilização das grandes casas em favor de obras mais adequadas às exigências atuais da evangelização e da caridade... Espero que as várias formas de VC se interroguem sobre o que Deus e a humanidade esperam delas... Ninguém, neste Ano da VC, deveria furtar-se a avaliar seriamente a sua presença na vida da Igreja e o modo de dar resposta aos novos apelos e ao clamor dos pobres» (Papa Francisco, *Carta Apostólica a Todos os Consagrados*, 21 de Novembro de 2014).

3. Apesar dos problemas do envelhecimento e da falta de vocações, na VC, o Papa deixa uma palavra de esperança no futuro, que «não se baseia sobre números e as obras, mas n’Aquele, em quem pusemos a nossa confiança (cf 2 Tm 1, 12) e para quem “nada é impossível” (Lc 1, 37)... Procurai não ceder à tentação dos números e da eficiência, menos ainda à tentação de confiar nas próprias forças. Perscrutai os horizontes da vossa vida e do momento atual, como sentinela vigilante. Repito com Bento XVI: “Não vos junteis aos profetas da desgraça, que proclamam o fim ou

o não-sentido da VC na Igreja dos nossos dias. Antes, pelo contrário, revesti-vos de Jesus Cristo e endossai as armas da luz – como S. Paulo (cf Rm 13, 11-14) – permanecendo despertos e vigilantes» (*Id., Ibid.*).

Reconhecendo o grande contributo da VC na missão evangelizadora da Igreja, o Papa conclui a Carta, exortando os Bispos a apoiarem a VC, seja nas conhecidas formas históricas, como também nas novas formas, que vão surgindo. O Ano da VC diz respeito a toda a Igreja, como «elemento decisivo da sua missão», também hoje.

Por isso, lembro a sugestão das “Orientações Diocesanas de Pastoral” de 2014/15, no sentido de prever, no itinerário de preparação para o Crisma, encontros com membros ou comunidades de VC. Graças a Deus, há bons exemplos, a esse respeito. Em S. Miguel, há paróquias que costumam levar os grupos de crismandos a visitar as Irmãs Clarissas das Calhetas. Na Ouvidoria de Ponta Delgada, neste Ano da VC, além de outras iniciativas, estão previstos encontros dos sacerdotes com os membros das comunidades religiosas e bem assim a presença de religiosas nos grupos de catequese e dos crismandos... Aqui na Terceira, a Delegação da CIRP criou uma Equipa de Consagrados, disponível para falar da VC, nas comunidades paroquiais, nos encontros de catequese, nos grupos de jovens e de casais, nas aulas EMRC...

Vamos, pois, procurar estar atentos, neste Ano da VC, às várias iniciativas previstas, a nível da Igreja Universal, da Igreja em Portugal e da nossa Diocese, não esquecendo a oração, para que não falte, na nossa Igreja, o dom da VC.

+ António, Bispo de Angra

Sé Catedral, 30 de Novembro de 2014.